



PROPRIEDADE DO CLUB X

REDACTORES PRINCIPAES

Almirante Duque de Pick-Nick e Conde da Floresta Negra



Publica-se nos dias 1 e 15. — As assignaturas são gratis.

ANNO I.

RIO DE JANEIRO 1 DE SETEMBRO DE 1867

N. 2.

Rio 1.º de Setembro.

O X nasceu no dia 15 de Agosto — dia de Nossa Senhora da Glória, dia da *Fête Napoléon* — e aniversario de todas as individualidades masculinas e femininas, que tiveram a gloria de nascer nesse glorioso dia.

Com quanto contasse só algumas horas de existencia, embuçou-se n'um mal alinhavado manto de jornalista, e, *chapeau bas*, apresentou-se nesse mesmo dia aos seus collegas fallando-lhes desta maneira: «senhor jornal, nasci hoje, chamo-me X e venho trazer-lhe as minhas credenciaes.»

O *Jornal do Commercio* dignou-se, por entre gigantescos montes de annuncios de *leilões*, *aluga-se e precisa-se*, lançar-lhe a farto um olhar. O Dr. Gazetilha no dia immediato formulou nas seguintes palavras os seus sentimentos: «*imprensa periodica*. Com o titulo X apareceu o 1.º numero de uma folha, que se diz propriedade do Club do mesmo nome, e promette sahir todos os dias 1 e 15 de cada mez.»

O *Diario do Rio* recebeu o neophyto como um sacerdote que vê ao longe uma ovelha para o rebanho do Deus da imprensa, e diz:

• *Publicação litteraria*. Fomos hontem obsequiados com o 1.º numero de um jornal denominado X. E' propriedade do Club X e as suas collumnas são consagradas á litteratura. »

O *Correio Mercantil* não vendo no X a incognita da politica, achou sabór em um trecho da apresentação e nol-o repetio da seguinte maneira:

« X. — E' este o titulo de um novo periodico, cujo 1.º numero se publicou ante-hontem de propriedade da associação intitulada Club X. O X que será publicado quinzenalmente, e cujas assignaturas são gratis, dedica-se á litteratura, e na phrase do seu

programma, será folgasão e saltitante como um *chicard* em terça-feira gorda, e grave e sério como um christão velho na quarta-feira de cinza. Seus redactores intitulam-se o almirante duque de Pick Nick e o conde da Floresta Negra. Desejamos-lhe prospero carnaval. »

O *Diario do Poro* crusa os braços sobre o peito e repete com o povo: dai lugar a uma gloria carnavalesca, que bem pode tornar-se um dia uma gloria litteraria—escrevendo o seguinte:

« X. — Recebemos o 1.º numero deste periodico, propriedade do Club X, que tanto se tem distinguido entre nós nos folguedos do carnaval. Se, como é de esperar, os redactores do X andarem na direcção do seu periodico tão bem inspirados, o X será sempre lido com prazer. »

A' *Gazette du Brésil*. — Charmante dame, toujours aimable, le X vous remerci de tout son cœur la bonté de votre visite.

A *Semana Illustrada*, o *Arlequim* e o *Bataclan* mandaram dizer ao menino X que não estavam em casa. São segundos annistas do curso academico e não dão confiança a caloiros — e muito menos ao caloiro

X.

FOLHETIM.

Uma recepção no Club X. — O Folhetim diz quem foi e quem é. — A olaiz em 11 de julho de 1862. — O amor e os romances. — Uma jovem de 40 annos e os *Cíumes do Bardo*. — O Folhetim diz finalmente o que quer. — O Alcazar e o cavalo. — O dandy identificado com ambos. — Alguns nobres do X. — Os poetas em noite de luar. — Uma imagem arrojada. — Rara habilidade de um ginete. — D'Artagnan entrando em Pariz. — O Dr. Bass é profundo veterinario. — Um batuque. — Um tipo de andaluza. — Sera peccado beijar-lhe o pesinho? — A illusão. — Uma feticheira de Macbeth. — A fuga. — O palacio do X. — Um conselho á leitora contra as falsificações da moda.

— Batem á porta? !
— Quem será?

— Ora, quem ha de ser?

— Vejamos.

— Oh! exclamaram todos, é o *Folhetim*.

— Queira dar-nos a honra de sentar-se, acudio o commissario do mez, e dizer-nos depois a que deye o Club X tão distinctissima visita?

— Eu lhes digo meus amigos.

Um dia vi sentarem-se á minha pobre mesa, no humilde rodapé da imprensa, uns certos individuos, aos quaes na França chamavam J. Janin, em Portugal, Lopes de Mendonça e Cesar Machado, e no Brazil, Octaviano e Machado de Assis.

Não se entra assim, sem mais nem menos, pelo tugurio da miseria. Estranhei a intimidade, e, de mim para mim, considerei-os logo exploradores de alguma aurifera mina.

Enganavam-se porém! Ali todo o trabalho seria esteril e improficio. Não sei o porque, mas o *Folhetim* foi sempre, por esse passado atraç, uma especie de Ahsvero da fabula. Ninguem se aproximava delle. Os meus hóspedes, porém, agradaram-se de mim. Mais tarde, com o andar dos tempos, vi-me de repente vitoriado pelas multidões, desde a plebe, que ouve ler e rasteja lá no fundo, até ao *grand monde*, até á alta aristocracia da moderna civilisação. A casa mal assoinbrada da minha infancia já é outra, agora é sumptuoso palacio, onde são muitas as perolas e os brilhantes, e onde as riquezas sublimes do espirito e do talento são do melhor cunho e do mais fino quilate.

Tornei-me assim uma das maiores glorias da imprensa, e, não poucas vezes, senti lagrimas e beijos ardentes de mulher, humedecerem-me as folhas, lagrimas e beijos que bem podiam ser um poema de febreccentes paixões, e que, por isso mesmo, eu percebia escorregarem sempre para os labios de algum *D. Juan*.

Não me faltam nem aplausos, nem louros, nem glorias, e todavia eu procuro a solidão de uma olaia, como a sonhou o grande poeta portuguez, ao ouvir cantar a primeira cigarra de Anacreonte, no dia 11 de julho de 1862.

Os beijos e as lagrimas, esses, confesso-o com exemplar ingenuidade, se os aborreço é porque estou velho e cansado nesta *lida* interminavel de espectador mudo e silencioso, que só os recebe emprestados e por pouco tempo.

Nem todos neste mundo sublunar comprehendem quanto é voraz o fogo de dous labios de mulher, que, sequiosos e ardentes, entreabrem-se com voluptuoso encanto sobre as orvalhadas folhas de um livro. Nem todos comprehendem, como o *Folhetim*, que epopeia divina é essa do amor no coração de um anjo de peregrina formosura, quando as inspirações mais ricas do idealismo de Platão, esvoaçam, de pagina em pagina, pelos romances de Paulo de Kock.

Nem todos viram ainda uns *quarenta* annos de mulher solteira, debruçados sobre os Ciumes do Bardo, a chorarem um oceano de lagrimas, porque, pouco felizes e pouca sagazes, deixaram sazonar a alma no *convento doméstico*, remendando os fundilhos de algumas ceroulas, como já disse algures Camillo Castello Branco.

— Mas, Sr. *Folhetim*, se admitte nisto franqueza, declaro-lhe que se está tornando demasiadamente aborrecido e longo. Quer naturalmente ser socio do Club X?! Venha, venha que não lhe hão-de faltar horas de tédio e de *spleen*.

— E' isso mesmo, advinhou-me o pensamento.

— Bem. Temos um passeio em perspectiva, quer acompanhar-nos?

— Prompto!

O *Folhetim* montou a cavallo comosco. Não se admirem disto a leitora e o leitor. Hoje a distinção de qualquer elegante realça de duas cousas: em ter cadeira no Alcazar e em andar a cavallo. A ultima já predomina mais que a primeira, e é por isso talvez que ha uma homogeneidade tal de idéas entre as duas raças *d'animaes* que chegam a parecer uma só familia. Eu não sei, nem quero saber, se é o *dandy* que desce ou o cavallo que sóbe, o que sei é que se aproximam e identificam.

A nobreza do X nesta romaria, era composta do marquez de Westphalia, do archiduque de Sodoma, do Dr. Bass, do Lord Pimpôlho e do autor deste folhetim.

Que noite de lindissimo luar!

Quantos poetas não estariam então, sentados na areia das praias, onde a espuma das aguas vai morrer de desalento para voltar a elles, a estender a vista pelos horisontes e pelo infinito, e a fazer pieguices á lua, cujo prateado clarão vai reflectir sobre o dorso das vagas?

Quantos não sonham, n'uma noite assim, quantos lá pelas regiões da phantasia não correm atraç das vaporosas fórmas de uma fada, cujos olhares arrebatam de amor, e cujo contacto tão meigo e tão divino de uma mão pequenina, de um pé formosissimo e de uma cintura elegante, arrastam o espirito, a alma e a razão por esses mundos desconhecidos, onde o poeta afina as cordas da lyra e toca, toca tanto e canta, que muitas vezes, tal é a força de vocação, acaba a existencia abraçado a uma harpa pelas ruas das grandes capitais.

Estas considerações foram feitas pelo caminho até alcançar Botafogo.

Eu não direi aqui, como Alexandre Herculano, que a terra estremecia debaixo dos pés dos fogosos corseis, levantando na carreira nuvens espessas de poeira.

A imagem é arrojada para os cavallos do nosso tempo, embora se trate do aperfeiçoamento da raça.

O Dr. Bass, cavalleiro dado ao estudo profundo da equitação, achou, neste passeio, occasião de fazer uma descoberta importante.

O ginete em que montava tinha a rara e desconhecida habilidade de lhe roer a ponta da botina esquerda, dobrando de quando em quando o comprido pescoço...

D'Artagnan, ao entrar em Pariz, no seu rocinante de pello avermelhado, não tinha certamente o garbo e a elegancia do Dr. Bass, como alguem quiz affirmar.

De construcção effeminada, ancião, já no inverno da vida, o *altivo* animal que elle montava, era um thermometro vivo para as variações da atmosphera. Foi por isso que ali pela praia de Botafogo começou a espirrar fortemente, dando sérios cuidados ao cavalleiro, que desde logo lhe acompanhou a *diagnóstica*.

Todos nós nos maravilhavamos ante os estudos da veterinaria phisiologia do Dr. Bass, e aplaudiamos as suas investigações, quando, de repente, fomos despertados pela vozeria selvagem de varios energumenos, que em um pequeno quarto, á luz pallida de uma candéa, dansavam, entre

mil tregeitos e momices, a mais horrifica e barbara das dansas.

Era um batuque.

Mas o que são as illusões!

Por uma janella entre-aberta pareceu-me ver uma vestido de longa cauda, cahido a pique de uma elevada e delicada cintura com toda a gentileza e graça.

Sobre os cabellos de ébano, que formavam um *cock* de assombrosas proporções, havia uma mantilha hespanhola a dizer-me que aquele rosto formoso de *senhorita* e aquelles olhos negros, eram o typo arrebatador da andaluza.

O vestido preso e represo pelas duas mãos, descorcinava com certo descuido uma botina de setim branco, envolvendo um pésinho tão bem talhado, que eu não sei se é peccado a gente cahir de joelhos a bêijal-o, até os olhos se embaciarem, e os labios lhe ficarem chumbados.

Eu quiz entrar. Apreei-me, pedi licença, e encostei-me ao umbral da porta. Ahi, o sangue gelou-se-me nas veias, e, sem o querer, arrebentou-me dos labios uma satanica gargalhada! Ria de mim proprio....

Sonhava uma fada, toda *chique*, *coquette* e á *Benoiton*, como diria qualquer elegante da rua do Ouvidor, e a final tinha aprimada diante de mim, uma velha desdentada e rugosa, como uma visão de Hoffmann, ou como uma feiticeira de Macbeth. Atirei-me desesperado ao sellim do cavallo e desappareci d'aquelle lugar. O ideal horrindo, porém, o sonho, a voragem em que se abysmára a phantasia, tudo isso se me reproduzia no cerebro com pasmosa fidelidade. Chegado ao *palacio* do Club X, recostei-me sobre um sofá, e esperei os meus companheiros de passeio, entre os quaes vinha muito satisfeito o *Folhetim*.

Se me fosse permitido dar um conselho á leitora, sem incorrer no grave *improper*, eu lhe pediria, que, ao acabar de ler este desdoso acontecimento, se prevenisse contra as ridiculas falsificações da moda, que transformam apparentemente o inverno em primavera.

ALMIRANTE DUQUE DE PICK-NICK.

THEATROS.

Passeio theatral.

A' imitação do romeiro que tendo de fazer uma longa jornada se reveste de todos os accessorios indispensaveis para ella, eu, cumprindo a ardua tarefa a que me propuz, resolvi fazer uma dolorosa peregrinação sobre as novidades theatraes.

Vejo-me, porém, tão exausto de forças para trilhar tão escabroso caminho, que não sei mesmo onde a minha ousadia me poderá levar.

Emfim, tomei o bordão, o chapéo, e as sandalias, e puz-me a caminho.

Visitei em primeiro lugar o sympathico Gymnasio, dei depois uma volta, e procurei inspirar-me na Graça de Deus, do Alcazar, e continuando um tão ameno caminho cheguei a S. Pedro

a saber noticias do Cavallo Fantasma, enchuei depois o suor que me banhava o rosto, e proseguí a minha viagem até o Campo da Aclamação.

Quando ávido de contentamento procurava alguma Fada das Rosas, ou alguma Rainha Penthesilia nada pude ver.

A transferencia da companhia Keller, que foi tomar ares para S. Christovão, tinha posto o Lyrico ás escuras.

Tendo, finalmente, percorrido todo este espaço, terei muito que noticiar ao leitor, dizia eu!

Estava nestes apuros, quando ocorre-me agora que tenho de registrar um facto de grande transcendencia para a arte dramatica

Trata-se de nada menos que construir um novo theatro normal. O iniciador da idéa consta que já deu começo á sua execução.

A utilidade e vantagens desta grandiosa idéa são immensas, e eminentemente uteis áquella arte.

Applaudindo-a sinceramente, faço votos para que não deixe de ser effectuada, como é de esperar.

Dada esta ligeira noticia, volto á narração das impressões da minha viagem theatrical.

O Gymnasio socorreu-se ultimamente do talento do imaginoso Ponson du Terrail, levando á scena o drama *Rocambole*, que tem sido representado já tantas vezes com extraordinario sucesso.

Seria fatigar muito a paciencia do leitor relatando o entrecho do *Rocambole*, quando já se tem fallado tanto, e as grandes folhas hão dado seu juizo ácerca d'este dráma.

Nesta época em que a arte dramatica está desanimada, os fervorosos aplausos com que tem sido recebido pelo publico tem duas significações, uma pelo provado talento do artista que desempenha o principal papel, a outra pelo titulo da peça.

Assim possa o seu director vencer a indifferença e desamor com que a maioria do publico olha para o palco. Nós, a nobreza do X, é que não queremos acompanhar essas tendencias da moda, mas concorrer pelo contrario com o nosso alento e forças, para o engrandecimento do theatro normal.

No Alcazar, além da *reprise* do *Barbe-Bleue* e *Pont des Soupirs*, representou-se mais *Les premières armes de Richelieu*, comedia que faz rir, cheia de interesse e de lances comicos, cujo desempenho pareceu-me muito satisfactorio.

Pelo que respeita á *Grace de Dieu*, conhecida pelos amadores da opera lyrica por *Linda de Cha-*

mounix, offereceu-se-nos ainda uma vez occasião de gozar as inapreciaveis bellezas de que se compõe tão aprimorado trabalho.

O theatro de S. Pedro apresentou ao publico no dia 24 o *Cavallo-Fantasma*.

Como trabalho de merecimento litterario os emprezarios não o apresentaram ao publico, nem elle o aceitaria; mas, em compensação, tem grande effeito scenico, muito apparato, muito estrepito e muita polvora queimada.

Dito isto, passo adiante.

Por uma circunstancia fortuita, assisti ao espetaculo particular que a Assembléa Dramatica deu no dia 23, no Gymnasio, levando á scena os *Intimos* e mais uma pequena comedia.

O recinto do theatro estava brilhantemente adornado para semelhante fim, e os camarotes e a platéa regorgitavam de espectadores.

A reputação do autor dos *Intimos*, a homenagem que lhe rendem todos que têm apreciado os seus trabalhos litterarios, são motivos bastante fortes para não se poder tecer mais louvores ao espirito attico de V. Sardou.

Além, pois, do seu merecimento litterario, a execução esteve boa para amadores.

Pede a justiça para dizer-se aqui que um moço, (não lhe sei o nome o que pouco importa para o caso) foi de todos aquelles que pareceu ter mais vocação natural para a arte dramatica. Quem o visse desempenhar n'aquelle comedia o importante e distinto papel do Dr. Thoulosand, havia de applaudil-o como eu fiz.

A Assembléa Dramatica deixou gratas recordações a todos os espectadores que presam o verdadeiro progresso.

E' um exemplo de coragem, de trabalho, e de amor ao progresso, que dá esta associação nestas festas, pelo que sinceramente a felicito, e oxalá que nunca esmoreçam tantos esforços.

Todos os socios do X são unanimes nesta minha demonstração, e com isto estão concluidas as impressões desta minha viagem theatral.

VISCONDE DE COCK-TAIL.

POESIA

Carmina.

Carmina mimosa,
Corada qual rosa,
Qual rosa em botão—
Quem vê-te suspira,
Quem te ama delira,
Delira em paixão.

Em noite serena
A face morena
Sorrindo mostraste—
Foi seta certeira,
Feliz mensageira
Com que me salvaste.

Então, qual anjinho,
Fallaste baixinho
Ao pobre descrido :
Foi balsamo santo,
Salvou, por encanto,
Um nauta perdido.

No niveo vestido,
No arfar repetido
Do seio offegante,
Sorri a innocencia,
Do poeta a demencia,
Dos anjos a amante.

Teus olhos traquinos
Que valem mil hymnos,
São d'alma o fulgor!
Teu todo formoso,
Teu ar magestoso,
São raios d'amor!...

E amor eu jurei-te...
Um osc'lo collei-te
Na face rosada;
E agora, ó querida,
Offerto-te a vida
E a lyra quebrada.

São cantos de um pobre...
Acceita-os... é nobre
O orgulho da dôr!
Vem anjo a meus braços,
Em beijos e abraços
Affoga este amor!

Agosto de 1867.

CAVALLEIRO BAVARD.

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA — PERSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO N. 91.